



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA**

**SOFIA ISBELO DE MELO E SOUSA**

**“MELHOR SE TIVESSE NASCIDO MENINO”:  
O DISCURSO COMO INSTRUMENTO DE  
DOMINAÇÃO EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA  
NGOZI ADICHIE**

**CAMPINA GRANDE  
2018**

**SOFIA ISBELO DE MELO E SOUSA**

**“MELHOR SE TIVESSE NASCIDO MENINO”:** O DISCURSO COMO  
INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA  
NGOZI ADICHIE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras – Habilitação em Língua Inglesa, pela Universidade Estadual da Paraíba, campus I.

Orientador: Prof. Me. Thiago Rodrigo Almeida Cunha

**CAMPINA GRANDE**  
**2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725m Sousa, Sofia Isbelo de Melo e.  
"Melhor se tivesse nascido menino" [manuscrito] : o discurso como instrumento de dominação em Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie / Sofia Isbelo de Melo e Sousa. - 2018.  
33 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo Almeida Cunha, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."  
1. Análise literária. 2. Discurso. 3. Racismo. 4. Instrumento de dominação. 5. Mulher negra. I. Título  
21. ed. CDD 801.95

SOFIA ISBELO DE MELO E SOUSA

**“MELHOR SE TIVESSE NASCIDO MENINO”:** O DISCURSO COMO  
INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA  
NGOZI ADICHIE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial à obtenção do título de  
graduada em Letras – Habilitação em Língua  
Inglês, pela Universidade Estadual da  
Paraíba, campus I.

Aprovada em: 27 / 11 / 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

Thiago Rodrigo de Almeida Cunha - 100

Prof. Me. Thiago Rodrigo Almeida Cunha (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Valdecy Margarida da Silva - 100

Prof. Dra. Valdecy Margarida Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Valécio Irineu Barros - 100

Prof. Me. Valécio Irineu Barros  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**Dedico esse trabalho à Marileide, Pollyanna, Janaína, Carolina, Stephanie – as mulheres fortes que me tornaram quem eu sou.**

**Por Marielle Franco, Dandara, Laysa, Margarida Maria Alves, Carolina Maria de Jesus e todas as mulheres negras cuja própria existência era luta.**

**Para todas as mulheres-monstro que estão por vir. Aqui se respira revolução.**

## AGRADECIMENTOS

Eu poderia escrever páginas de agradecimento. Minha trajetória nunca foi linear e minha vida já entrelaçou com a de muita gente por aí – a construção de quem eu sou e de quem eu me tornei perpassa todos eles e eu não aceitaria nada menos que isso.

Aos moradores da casa 105, que me aguentam desde o início dos tempos. Obrigada por todo o apoio, todo o amor e todas as discussões que estimularam meu ser. Eu amo vocês demais.

A Dan, meu companheiro de bons e maus momentos. Obrigada por todos os abraços apertados e beijos na testa. Eu amo você.

A todos os amigos que me acompanharam nessa jornada. Obrigada Cláudio, Matheus, Laura, Gabriel e Melissa por me entenderem antes mesmo de eu conseguir fazê-lo. Meu amor por vocês é imensurável.

A Diadorim por toda a força. Nós por nós, sempre.

Ao Levante Popular da Juventude, que me ensinou que lutar acompanhado faz toda a diferença.

Ao Centro Acadêmico de Letras: que gestão! Parabéns pra nós.

Aos luizetes, meus amigos de campanha e de garra.

Aos meus colegas e amigos de curso – obrigada Lara, Rebeca, Thiago, Brunna e Gaby por tudo que construímos juntos durante essa jornada.

A você que por algum motivo, está lendo isso.

Vai dar certo.

*Sou um oceano negro, vasto e irrequieto  
Indo e vindo contra as marés eu me elevo  
Esquecendo noites de terror e medo  
Eu me levanto  
Numa luz incomumente clara de manhã cedo  
Eu me levanto  
Trazendo os dons dos meus antepassados  
Eu sou o sonho e as esperanças dos escravos  
Eu me levanto  
Eu me levanto  
Eu me levanto*

**(Ainda assim me levanto – Maya Angelou)**

**“MELHOR SE TIVESSE NASCIDO MENINO”:** O DISCURSO COMO  
INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA  
NGOZI ADICHIE

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo geral categorizar o discurso em diferentes modos de operação de ideologia a partir da análise da obra *Americanah*, escrito por Chimamanda Ngozi Adichie, a fim de entender de que maneira o discurso é utilizado como instrumento de dominação dentro da sociedade patriarcal-racista-capitalista representada no *corpus*. Para isso, selecionamos treze trechos considerados relevantes para a obra e os dividimos em i) a legitimação do discurso, ii) a dissimulação do discurso, iii) a unificação do discurso, e iv) a fragmentação do discurso – categorias explicitadas por Thompson (2011) em *Ideologia e Cultura Moderna*, utilizado como base metodológica para o trabalho. Além dele, as bases teóricas utilizadas para análise do material foram: Saffioti (1987), para a maneira de entender o modelo social no qual estamos inseridos, Almeida (2018), Davis (2016), Thibes e Carvalho (2013) com definições de racismo estrutural e como a dominação atua no âmbito das mulheres negras; bem como Foucault (1996) com a correlação de discurso e dominação ideológica. Após a análise dos dados, foi possível notar a utilização mais frequente dos modos de dissimulação e fragmentação, que demonstram a maneira que os modos de operação de ideologia atuam de forma que o grupo social subalterno – ou seja, mulheres e negros e negras, esteja em constante desunião ao tempo que se inserem no discurso ideológico do grupo social dominante.

**Palavras-chave:** Discurso. Relações de dominação. Raça. Gênero. *Americanah*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>11</b>
<b>1.1 CHIMAMANDA: UMA BREVE BIOGRAFIA</b>	<b>11</b>
<b>1.2 RESUMO DA OBRA <i>AMERICANAH</i></b>	<b>11</b>
<b>1.3 A VIVÊNCIA DO PATRIARCADO</b>	<b>13</b>
<b>1.4 RACISMO ESTRUTURAL, DOMINAÇÃO A SUBALTERNIDADE DE MULHERES NEGRAS</b>	<b>14</b>
1.4.1 A ESTRUTURA DO RACISMO	14
1.4.2 A SUBALTERNIDADE DA MULHER NEGRA EM <i>AMERICANAH</i>	17
<b>1.5 O DISCURSO USADO COMO INSTRUMENTO IDEOLÓGICO DE DOMINAÇÃO</b>	<b>18</b>
<b>2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS</b>	<b>22</b>
<b>2.1 A LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO</b>	<b>22</b>
<b>2.2 A DISSIMULAÇÃO DO DISCURSO</b>	<b>23</b>
<b>2.3 A UNIFICAÇÃO DO DISCURSO</b>	<b>26</b>
<b>2.3 A FRAGMENTAÇÃO DO DISCURSO</b>	<b>28</b>
<b>CONCLUSÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

Como diz Nayra Lays em sua música *Espelho*, “conhecer as regras desse jogo que só nos prejudica, nos dá a condição de repensar as trilhas”. Pensando nisso, esse trabalho surge com o objetivo de explicitar as maneiras pelas quais as relações de dominação da sociedade patriarcal-racista-capitalista são mantidas através do discurso inserido nela, através da análise do livro *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie – com foco principal na vivência de mulheres negras.

Para isso, estabeleceu-se como objetivos específicos, a identificação dos aspectos da obra que se relacionam com o modelo de sociedade explicitado por Saffioti (1987); categorizar os trechos da obra a partir dos modos de operação da ideologia de Thompson (2011) e analisar o discurso da obra com base nos aspectos sociais discutidos no aporte teórico.

Almeida (2018) diz que “em um mundo em que a raça define a vida e a morte, não tomá-la como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo” (p. 44). Assim, entende-se a importância da temática visto que, de acordo com o autor, o racismo é estrutural e está em nossas mãos manter ou não uma sociedade racista.

Os exemplos para essa estrutura também são de extrema importância a menção: de acordo com o *The Sentencing Project* de 2015<sup>1</sup>, por exemplo, jovens negros e negras têm chances cinco vezes maiores de serem encarceradas que jovens brancos e brancas nos Estados Unidos – a cada 100,000 jovens brancos, 86 são presos. Esse número sobe pra 433 quando se trata da juventude negra, mesmo que esta se trate de apenas 16% da juventude americana como um todo. Se tratando da juventude negra brasileira, a situação não é diferente: A ONU<sup>2</sup>, em sua campanha ONU Vidas Negras, afirma que sete em cada dez pessoas assassinadas no Brasil são negras.

Dessa forma, é imprescindível discutir os aspectos que mantêm as estruturas vigentes de desigualdade social – e assim, entender a necessidade de conectar as pesquisas acadêmicas com gênero, classe e raça.

---

1 Fundada em 1986, *The Sentencing Project* é uma organização não-governamental que visa fiscalizar o sistema de justiça criminal dentro da sociedade estadunidense com práticas justas e efetivas.

2A Organização das Nações Unidas é uma organização internacional criada voluntariamente por países para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundial. Informações coletadas de: <<https://nacoesunidas.org/conheca/brasil-na-onu/>>. Acessado em 02/09/2018.

Para a realização dessa pesquisa, foi feita uma revisão bibliográfica acerca da obra estudada no que tange aos aspectos de gênero e raça inseridos em *Americanah* (2013) – dentro desse trabalho, usou-se o artigo de Thibes e Carvalho (2013) – presente no tópico 1.4.2 – que discute aspectos da obra a partir dos conceitos de colonização e subalternidade da mulher negra.

Além disso, foram usados como aportes teóricos Saffioti (1987) para apresentação da vivência do patriarcado e de que forma este se insere no modelo social; Almeida (2018) com a explanação do que é racismo estrutural e Davis (2015, 2016) que elucida as questões referentes à de que maneira como o indivíduo negro pode alcançar a liberdade dentro dessa estrutura; Foucault (1996) no que diz respeito ao discurso usado como instrumento de dominação. Por fim, foi utilizado como método de categorização os modos de operação da ideologia de Thompson (2018), citado anteriormente.

Esse trabalho está estruturado em: Fundamentação teórica – dividida em uma breve biografia da autora da obra estudada, além do resumo de *Americanah* (2013), a vivência do patriarcado, racismo estrutural, o discurso como instrumento de dominação; Apresentação e análise de dados – dividida em quatro modos de operação da ideologia; considerações finais e referências teóricas utilizadas.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 CHIMAMANDA: UMA BREVE BIOGRAFIA

Nascida na Nigéria, em 1977, Chimamanda Ngozi Adichie é escritora dos romances *Hibisco Roxo* (2003), *Meio Sol Amarelo* (2006) e *Americanah* (2013), além de uma coleção de contos intitulada *No seu Pescoço* (2009). Além disso, sua palestra de 2012 no *TED talk*<sup>3</sup> intitulada “Sejamos todos Feministas”, foi publicada em formato de livro em 2014.

Sob a influência de seus pais que trabalhavam no âmbito universitário, bem por como ter crescido na casa previamente ocupada pelo renomado escritor Chinua Achebe, Chimamanda obteve diversos prêmios acadêmicos desde a adolescência. Aos 19, mudou-se para os Estados Unidos com uma bolsa para estudar comunicação. Durante sua vida acadêmica, começou a escrever sua primeira obra, *Hibisco Roxo*.

Seus livros são centrados em temas considerados tabus, como religião, política, colonização e questões de classe, raça e gênero. Recebeu diversos prêmios por estes e é considerada uma voz para o feminismo contemporâneo.<sup>4</sup>

### 1.2 RESUMO DA OBRA *AMERICANAH*

*Americanah*, a obra mais recente da autora, é também a mais autobiográfica. Centrada na vida de Ifemelu e Obinze, a história se desenvolve na Nigéria dos anos 1990 em diante e na Inglaterra e nos Estados Unidos dos anos 2000. Durante seu período universitário em Nsukka, Ifemelu enfrenta diversas greves advindas do regime autoritário e militar no qual seu país está inserido, e, por isso, ela vê diversos de seus colegas e amigos da vida acadêmica procurando empregos, ou buscando educação de outros países através de bolsas e vistos.

Encorajada por sua família, seus amigos e seu namorado Obinze, assim também se passa com Ifemelu: depois de participar de diversos processos seletivos para universidades norte-americanas, consegue ser aceita com oferta de bolsa. Ao deixar sua antiga universidade

---

<sup>3</sup>Criado em 1988, o TED (*technology, entertainment, design*) talk é uma iniciativa que consiste em palestras de 18 minutos com o intuito da disseminação de ideias sobre ciência e cultura. Com o programa TEDx, as palestras podem ser organizadas de modo independente pelo mundo inteiro.

<sup>4</sup>Informações coletadas do site: <<http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>>. Acessado em 10/08/2018.

e Obinze, Ifemelu encontra nos Estados Unidos um país totalmente diferente do que havia imaginado – depara-se com sua tia Uju “submissa (p. 121)”, sem passar nos exames de medicina estadunidense mesmo sendo uma médica exímia; precisava assumir uma identidade norte-americana para poder trabalhar; precisava adotar um sotaque norte-americano para manter conversas sem maiores estresses. Após ser abusada sexualmente por um americano, que a usa em troca de dinheiro para pagar o aluguel, Ifemelu corta relações com Obinze por se sentir culpada, arranja um emprego como babá e acaba namorando Curt, o primo de sua patroa – um homem branco e rico que usufruía de tudo que isso significava. Durante a trajetória desse namoro, a protagonista acaba por visualizar na prática o que o privilégio de ser rico, homem e branco traz como consequência na vida de uma pessoa, bem como todos os conflitos decorrentes de fazer parte de um casal interracial que também enfrenta várias diferenças de classe e gênero.

Enquanto isso, Obinze, que é filho de uma professora universitária e é fascinado pelos Estados Unidos, termina sua graduação e automaticamente tenta um visto na embaixada americana. Após ser negado diversas vezes pelo “medo americano do terrorismo estrangeiro” e não conseguir um emprego em seu país devido à crise, Obinze, com ajuda de sua mãe, consegue um visto para a Inglaterra. Lá, é também forçado a assumir uma identidade falsa para conseguir trabalhos com condições subumanas e, depois de anos, é descoberto logo antes de se casar para obter o visto e é deportado de volta para Nigéria.

A partir disso, as vidas de Ifemelu e Obinze tomam direções ainda mais diferentes – Ifemelu se torna uma blogueira famosa que denuncia o racismo e a xenofobia dentro dos Estados Unidos, ministra palestras em diversas universidades e começa um namoro com um professor universitário negro e norte-americano, que a faz se apaixonar por política ao ponto de fazer campanha para Barack Obama mesmo que não vote. Obinze, por sua vez, passa por um período sombrio até ser ajudado por um milionário e construir uma fortuna com o mercado imobiliário nigeriano. Algum tempo depois, se casa com Kosi – uma mulher descrita como “linda, com seus olhos como duas amêndoas perfeitas” (p. 29) – e tem uma filha, formando uma família rica, cristã e tradicional para a elite nigeriana.

Tornam a se encontrar quando Ifemelu larga toda sua trajetória de vida e volta para Nigéria com a justificativa de trabalhar na capital, Lagos, para uma revista “feminina”. Infeliz com o trabalho, Ifemelu decide começar um *blog* no país sobre os acontecimentos locais. O livro termina com o reencontro amoroso entre Ifemelu e Obinze.

### 1.3 A VIVÊNCIA DO PATRIARCADO

Heleieth Saffioti foi uma socióloga brasileira que se debruçou principalmente em estudar as questões de gênero. Sua obra, *O poder do macho* (1987), tem o objetivo de discorrer sobre o poder econômico e social estar nas mãos de homens brancos – e que esse processo de poder se baseia em uma sociedade patriarcal-racista-capitalista.

Segundo a autora, o poder está concentrado em mãos masculinas há milênios, e esse poder não se dá unicamente por razões econômicas ou políticas; em verdade, a disseminação da inferioridade feminina é “exclusivamente social” (p. 15) – visto que para assegurá-lo, foi necessário criar e distribuir distintos papéis sociais para homens e mulheres. A fim de manter a mulher no papel subalterno, foi-lhe atribuído o papel social de cuidar dos afazeres domésticos, e mesmo que esta venha a ter um trabalho assalariado fora dos seus afazeres com a família, as suas obrigações domésticas permanecem.

Mulheres, então, são colocadas umas contra as outras a fim de não ameaçarem a estrutura vigente – há uma distinção feita entre mulheres “santas” e mulheres “prostitutas”, como a própria autora coloca:

A "outra" não é tida e havida como máquina de proporcionar prazer, sem desfrutar de nenhuma vantagem social? Somadas as vantagens e desvantagens, chega-se a zero, ou seja, "uma" e "outra" são igualmente infelizes. Por quê? Exatamente porque são iguais entre si e diferentes do homem, socialmente falando. Ambas submetem-se ao domínio masculino. Além disso, rejeitam-se mutuamente, não são solidárias na desmistificação deste duplo padrão moral (melhor seria chamá-lo de imoral), que constitui o baluarte da falocracia.

A conclusão óbvia não é nada mais nada menos que a seguinte: enquanto "santas" e "prostitutas" continuarem a representar os papéis que a hipócrita sociedade burguesa lhes atribui, o *status quo*, o estado de coisas presente, encontrará suporte para se manter intacto, incólume, intocável (SAFFIOTI, p. 32).

Mas qual seria o real propósito de manter essa distinção entre mulheres, bem como a relação de dominação da mulher pelo homem? Ao falar sobre isso, Saffioti (1987) também afirma que a isso serve a “classe patronal” (p. 23) – ou seja, aos donos de empresa, que lucram, por exemplo, com salários inferiores pagos às mulheres. Dito isso, a autora também afirma que o patriarcado não é apenas um sistema de dominação, é também um sistema de exploração.

Dessa forma, entendendo o patriarcado como um sistema exploratório inserido dentro da sociedade, Saffioti (1987, p. 60) também faz questão de ressaltar a importância de ver a

sociedade enquanto patriarcal-racista-capitalista: os três sistemas apóiam-se entre si, trabalhando atualmente pra manter a inferioridade da mulher e do negro, com a finalidade de lucrar em cima disso.

A autora também expressa pontos que dialogam com o próximo tópico, no qual se discute sobre o racismo estrutural e a dominação, e os conecta com o patriarcado. Afirma que a mulher negra é “duplamente discriminada: enquanto mulher e enquanto negra” e que seus papéis sociais são designados apenas como “empregada doméstica e de objeto sexual” (p. 52), e exemplifica com o mito da mulher mulata e/ou sensual, criado pelo homem branco para, como o faziam na época da escravidão e da colonização, explorar sexualmente mulheres negras. Assim, ao colocar a mulher negra enquanto ‘mulata sensual’ para soar como elogio, apenas se constitui mais um instrumento de manipulação usado pelo branco para satisfazer seus próprios desejos – um exemplo disso na cultura brasileira é a Globeleza, a mulher negra sem nome que participa da vinheta carnavalesca da Rede Globo sambando com seu corpo pintado.<sup>5</sup>

#### **1.4 RACISMO ESTRUTURAL, DOMINAÇÃO E A SUBALTERNIDADE DE MULHERES NEGRAS**

Considerando o entendimento da sociedade enquanto patriarcal-racista-capitalista explicitado no tópico acima – e assim, que as relações de poder vão para além de classe e gênero e estão conectadas diretamente com a raça; que os grupos sociais estão condicionados a papéis de inferiorização social, o primeiro subtópico se debruça sobre o racismo estrutural, suas ramificações e possíveis soluções dentro de uma dinâmica de dominação, a partir dos conceitos de Almeida (2018) e Davis (2016). O segundo subtópico interliga tudo que se discute a partir da análise da subalternidade da mulher negra em uma cena de *Americanah* feito por Thibes e Carvalho (2013).

##### **1.4.1 A ESTRUTURA DO RACISMO**

Em sua obra *O que é racismo estrutural?*, Almeida (2018) aponta que o racismo vai para além de algo individual ou institucional: ele é estrutural; ou seja, “ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (p. 15). Assim, as manifestações do racismo ocorrem para além de concepções individuais; estas acontecem porque a sociedade

---

<sup>5</sup>Para maiores informações sobre quem foram as mulheres Globeleza e seu visual, acesse: <<http://especial.g1.globo.com/fantastico/globeleza/>>. Acessado em 19/11/2018.

em si é racista. Para justificar essa afirmação, o autor explana processos políticos e históricos que reforçam o racismo enquanto ideologia que perpassa o individual, o institucional e o estrutural.

Ao discutir a institucionalidade, o autor afirma que o racismo se constrói a partir de relações de poder e dominação. Isto é, para impor seus interesses políticos e econômicos, determinados grupos raciais que estão no poder utilizam mecanismos institucionais para conseguir manter a hegemonia do poder e assim, impõem na sociedade “regras, padrões de conduta e modos de racionalidade que tornem ‘normal’ e ‘natural’ o seu domínio” (p. 31). Um exemplo do caráter institucional do racismo está na exigência de “boa aparência” para se candidatar a vagas de emprego, e esta se encontra diretamente ligada aos códigos e símbolos estéticos de uma cultura ditada por pessoas brancas.

Almeida (2018) ainda reforça que relações sociais são mantidas a partir do viés ideológico – que, de acordo com ele, é antes de tudo uma prática social concreta – e que a ideologia racista molda o inconsciente. Sendo assim, é naturalizado para qualquer ser humano que foi socializado em uma estrutura racista que o reproduza, mesmo sendo negro. Para desfazer esse inconsciente, Almeida (2018, p. 53) afirma que é necessária a “reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a própria condição”.

Segundo Almeida (2018), as diferenças de classificação racial também desempenham um papel importante. Em relação ao Brasil, por exemplo, o autor destaca tanto a aparência física de descendência africana quanto o pertencimento a uma classe de consumo para definir a classificação racial de ‘negro’ ou ‘branco’. O paralelo entre raça e classe é levantado dentro de *Americanah* – por exemplo, quando Ifemelu escreve em seu blog um *post* chamado “viajar enquanto negro”, afirma que a experiência de seu amigo negro no Rio de Janeiro era de que “ninguém que estava nos restaurantes e hotéis caros se parecia com ele” (p. 359); e também pela própria Chimamanda, autora da obra analisada, ao afirmar que o Brasil tem um “claro problema com racismo”, revelado para ela após ser brevemente impedida de estar na fila da classe executiva.<sup>6</sup>

Logo, é possível afirmar que o racismo está entrelaçado em diversos âmbitos sociais – sejam estas relações interpessoais ou relações institucionais – porque se trata de uma estrutura social necessária para manter o poder hegemônico; que embora haja a refutação científica do racismo, seu viés ideológico sustenta os acordos sociais vigentes. Ademais, os recortes de raça e classe são de extrema importância para entender as relações interpessoais.

<sup>6</sup>Entrevista concedida para o programa de entrevistas Milênio. Informação coletada em: <<https://www.conjur.com.br/2018-jan-05/milenio-chimamanda-ngozi-adichie-escritora-nigeriana>>. Acessado em: 02/11/2018.

Mas de que forma esse racismo estrutural poderia ser desconstruído e combatido? Para responder a esse questionamento, Angela Davis levanta, então, a necessidade do povo negro por liberdade que é adquirida através do conhecimento. Ao discutir educação para a população negra durante a escravidão em *Mulher, Raça e Classe* (2016), a autora afirma que o anseio por conhecimento e instrução acadêmica era presente e associado à “batalha coletiva de seu povo por liberdade” (p. 112). Entendendo isso, o Estado tentou de diversas maneiras impedir o acesso ao conhecimento com a maior parte dos estados do Sul vetando completamente o acesso à educação para a população escravizada, a fim de não “incutir a insatisfação em suas mentes e produzir insurreição e rebelião” (GOODELL, 1853 *apud* DAVIS, 2016, p. 113). Assim, Davis finaliza com a afirmativa de que a luta por terras e igualdade política conseguiu sobreviver apenas porque a luta por conhecimento a manteve.

Ademais, Davis também disserta sobre isso em *Lectures on Liberation* (1972)<sup>7</sup>, ao apresentar a experiência vivida por Frederick Douglass, um negro símbolo da luta abolicionista dos Estados Unidos, mas que antes fora um negro escravizado que buscou acesso ao conhecimento. Dito isso, ao discutir sobre a natureza da liberdade, a filósofa afirma que é necessário primeiramente a imersão na literatura negra.

Ao analisar a autobiografia de Douglass, Davis afirma que a liberdade se apresenta inicialmente para o negro enquanto resistência física da relação de escravo-mestre, mas que a partir do acesso ao conhecimento que incapacitaria “uma criança para ser um escravo: a partir desse momento, [Douglass] entendeu o caminho direto da escravidão para a liberdade” (DOUGLASS, 1845 *apud* DAVIS, 2015), foi possível criar consciência de si para a necessidade de liberdade.

Apesar de seu acesso ao conhecimento, porém, Douglass entendeu que ele não seria verdadeiramente livre enquanto estivesse em situação de escravidão. A partir dessa realização, voltou-se para a instituição religiosa cristã ao afirmar que os senhores de escravos estariam desafiando a vontade de Deus de que todos os homens fossem iguais – informação bíblica que só obteve após aprender a ler. Assim, conseguiu utilizar em favor da libertação a própria instituição que o escravizava, e sobre esse assunto Davis comenta:

Por que os negros não mudam a história? Por que houve um esforço calculado por parte do branco, delimitando o espaço do negro, reforçando a noção e a mentalidade de escravo com um tipo especial de religião que serve aos interesses dos senhores brancos, servindo para perpetuar a existência da

---

<sup>7</sup>*Lectures on Liberation* (1972) foi primeiramente traduzido para *Palestras sobre Libertação* em 2015, por Jacque Conceição, para seu site de aprendizado digital sobre questões étnico-raciais. Disponível em: <<https://kilombagem.net.br/educacao/biblioteca/palestras-sobre-libertacao-lectures-on-liberation/>>. Acessado em: 27/10/2018.

escravidão. O cristianismo foi utilizado para fins de lavagem cerebral, doutrinação e pacificação dos negros escravizados (DAVIS, 2015).

Diante disso, é possível afirmar que a dominação branca sob os negros é também reforçada pela religião cristã, que consiste em um grande instrumento de manipulação da consciência negra, e que para se libertar dessas amarras, a autora entende que o acesso a educação é o caminho.

#### 1.4.2 A SUBALTERNIDADE DA MULHER NEGRA EM *AMERICANAH*

Publicado em 2013, o artigo de Luana Thibes e Isaías Carvalho de nome *A mulher negra em ‘Americanah’: níveis de subalternidade nos EUA do século XXI* traz a análise de uma cena da obra usada como *corpus* deste trabalho, a partir dos conceitos de subalternidade de Spivak (1994) e Fanon (1967) para as questões de negritude.

Como discutido anteriormente com Almeida (2018), a imposição do cabelo liso é uma das diversas maneiras pelas quais o racismo institucional opera na sociedade. De acordo com os autores em sua análise da cena inicial de *Americanah*, o cabelo também representa a imposição do colonizador *versus* a tentativa de provação do colonizado. Dessa maneira, a violência do imperialismo é ligada diretamente à aceitação e autoestima da mulher negra em sua “carrera” para alisar seu cabelo, clarear sua pele e afinar seu nariz – e mesmo assim, a mulher negra ainda “cresce sem nenhuma representação midiática, acreditando que sua imagem é inferior à da mulher branca” (THIBES e CARVALHO, 2013, p. 107).

Dito isso, o acolhimento do cabelo crespo é um “fortalecedor da negritude” e o indivíduo consegue refletir sobre sua condição subalterna sem encontrar motivos para sua inferiorização em relação ao homem branco. É o que acontece com Ifemelu durante a narrativa – ao se afastar do parâmetro norte-americano, a personagem cria consciência de raça e da colonização feita em seu corpo negro e cultura africana.

Ao continuar sua análise, os autores encontram o que chamam de “hierarquização da subalternidade”, que dialoga com os processos de inferiorização inseridos na vivência do indivíduo:

Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da “mulher” parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está

envolvida de três maneiras (SPIVAK, 1994 *apud* THIBES e CARVALHO, 2013).

Assim, entendem que existem vários processos de subalternidade nos quais a mulher negra é inserida – no topo dessa hierarquização estaria a “mulher negra afro-americana com formação acadêmica”, devido ao colonialismo e imperialismo presentes – em que a cultura africana é apagada e suprimida e as mulheres africanas inseridas no contexto social estadunidense tentam ao máximo se encaixar; a “mulher negra africana com formação acadêmica”, a “mulher negra afro-americana de baixa escolaridade” até chegar à africana de baixa escolaridade.

Portanto, é possível entender que *Americanah* (2013) representa a sociedade discutida por Saffioti (1987) – onde o homem branco e rico ocupa a posição de poder, e a mulher ocupa uma posição inferior que aumenta se ela estiver inserida no grupo social negro e ainda mais se for pobre. Além disso, dialoga também com o que Davis (2016) apresenta como ‘libertador’ – quanto maior seu conhecimento, mais consciência o indivíduo negro vai ter de si, e também em menor posição de subalternidade estará.

## 1.5 O DISCURSO USADO COMO INSTRUMENTO IDEOLÓGICO DE DOMINAÇÃO

No presente tópico, discute-se o conceito de discurso na obra *A Ordem do Discurso*, de Foucault (1996), com ênfase nas noções sobre procedimentos de exclusão inseridos na prática discursiva, os correlacionando com o método de análise principal na qual esse trabalho é centrado, que são os modos de operação da ideologia de acordo com *Ideologia e Cultura Moderna*, de Thompson (2011).

Publicado em 1996, *A Ordem do Discurso* é a aula inaugural de Michel Foucault no Collège de France, pronunciada originalmente em 1970. Nesta, Foucault desvenda a relação entre o discurso e os poderes que o permeiam – e comprova que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar” (p. 10). Ou seja, o discurso é intrinsecamente ideológico, visto que se relaciona diretamente com o contexto social e histórico em que está inserido, seja ele da ideologia dominante ou não.

Foucault (1996) afirma que a produção do discurso é organizada e controlada por procedimentos – que em nossa sociedade seriam de *exclusão*. A seguir, descreve alguns desses procedimentos, e os chama de “interdição” – ou a impossibilidade de dizer tudo em qualquer

circunstância; a “rejeição” e a “separação”, sendo que no primeiro há a desconsideração do discurso do que seria o louco, enquanto o segundo diz respeito às separações, modificáveis e em constante deslocamento, mas que continuam sendo forçadamente mantidas por novas instituições; e a “oposição do verdadeiro e do falso” – o verdadeiro se apóia no institucional e o que é considerado verdade parte do científico: sistemas de livros, bibliotecas, laboratórios etc.

Esses procedimentos de exclusão discutidos por Foucault (1996) podem se correlacionar com os modos de operação de ideologia de Thompson (2011). Em *Ideologia e Cultura Moderna*, Thompson (2011) inicia sua obra conceituando historicamente a ideologia, a fim de reformular esse conceito de ideologia de acordo com todo o sentido acumulado durante o tempo para assim poder analisar o âmbito ideológico de forma concreta com os fenômenos sócio-históricos existentes.

Assim, chega-se à definição de ideologia, que pode ser concebida como “um sistema de crenças, ou formas e práticas simbólicas” e a forma de analisar está interligada com as maneiras com a qual essas formas simbólicas se entrecruzam nas relações de poder.<sup>8</sup> Por formas simbólicas, o autor entende um “amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos.” onde falas lingüísticas são cruciais (2011, p. 79). Dito isso, as formas simbólicas são discutidas nesse trabalho enquanto discurso; assim, utilizando os modos de operação da ideologia, é analisado como o discurso é mobilizado para reforçar relações de poder.

Para introduzir os cinco modos gerais de operação ideológica, o autor afirma que não são os únicos modos pelos quais a ideologia pode operar e que estes não são exclusivos ou tampouco isentos de se entrelaçarem de acordo com o contexto no qual estão inseridos. Dito isso, defende-se que os modos de operação trabalham em conjunto para reforçar a ideologia em questão, embora apresente a análise separadamente para fins de identificação.

O quadro abaixo expressa os modos de operação da ideologia da forma que o autor as apresenta:

Quadro 1: Modos de operação de ideologia

**Modos Gerais**

**Algumas Estratégias Típicas de Construção Simbólica**

<sup>8</sup>Relações de poder/dominação podem ser conceituadas por Thompson (2011) quando grupos particulares possuem poder de uma maneira permanente e inacessível a outros grupos.

<b>Legitimação</b>	Racionalização Universalização Narrativização
<b>Dissimulação</b>	Deslocamento Eufemismo Tropo
<b>Unificação</b>	Estandardização Simbolização de unidade
<b>Fragmentação</b>	Diferenciação Expurgo do outro
<b>Reificação</b>	Naturalização Eternalização Nominalização/passivização

Fonte: THOMPSON, 2011, p. 81.

O modo de operação *legitimação* pode ser identificado quando as relações de dominação são representadas como justas e dignas de apoio. Um exemplo de legitimação – e mais especificamente, a narrativização – são as “histórias corriqueiras e piadas que preenchem muito de nossas vidas cotidianas”, visto que estas estão constantemente recontando a “maneira como o mundo se apresenta” e reforçando a ordem aparente das coisas através do humor (THOMPSON, 2011, p. 83).

O modo de operação *dissimulação* acontece quando as relações de dominação são de alguma maneira ocultadas ou até mesmo representadas de forma mais leve do que realmente são, e assim, não demonstram para o interlocutor os processos existentes naquele contexto. O autor demonstra como a dissimulação se apresenta no discurso quando, por exemplo, se fala em “restauração da ordem” para descrever a supressão violenta do protesto.

O modo de operação *unificação* é construído com a união de indivíduos inseridos em uma identidade coletiva, e as diferenças ou divisões que poderiam separá-los desta identidade são suprimidas. Um exemplo da unificação se dá com a criação de uma “linguagem nacional” em contextos de grupos linguisticamente diferenciados; ou a criação de símbolos de unidade – bandeiras, hinos e gritos de guerra também fazem parte desse espectro.

O modo de operação *fragmentação* se constrói de forma oposta ao modo anterior, partindo do princípio da segmentação desses indivíduos antes que estes possam se tornar uma unidade e, portanto, um desafio real aos grupos dominantes. Pode-se dar tanto com a ênfase em diferenças quanto com a construção de um inimigo em comum, e a partir dessa diferenciação, é criada uma narrativa que se relaciona com o modo anterior – ou seja, cria-se um “inimigo maior do qual as pessoas devem se unir” (p. 87). Um exemplo dado pelo autor é representação dos judeus e dos comunistas na literatura nazista em 1920 e 1930.

O modo de operação *reificação* trabalha de forma que as relações de dominação são retratadas como naturais e atemporais e, dessa forma, não carregam sua construção sócio-histórica. Dessa forma, a reificação envolve o “restabelecimento da sociedade ‘sem história’” (p. 88), com criações sociais sendo tratadas como naturais ou inevitáveis; ou até costumes e tradições apresentados como permanentes e imutáveis. Um exemplo de reificação é a divisão social do trabalho “de homem” e “de mulher”.

Por entender que os modos de operação não andam separados e podem se entrelaçar uns com os outros, e levando em consideração as contribuições de Saffioti (1987) e Almeida (2018) ao fato de o ideológico ser retratado como natural – como diz Saffioti, “a sociedade investe muito na naturalização deste processo.” (1987, p. 9); a análise **não traz** exemplos diretos do modo de operação *reificação*, pela compreensão de que este está presente em todos os outros modos de operação.

## 2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A análise foi feita com treze trechos da obra *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, e está dividida em: a) a legitimação do discurso; b) a dissimulação do discurso; c) a unificação do discurso e d) a fragmentação do discurso, de acordo com os modos de operação de ideologia de Thompson (2011). Como já mencionado anteriormente, porém, os modos pelos quais a ideologia trabalha se entrelaçam e os trechos trabalhados podem se encaixar em mais de um modo.

### 2.1 A LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO

Durante a narrativa, mostrava-se claro os inúmeros problemas que Ifemelu teve para conseguir um emprego – que iam de não ter os documentos necessários até ser constantemente rejeitada. Porém, depois de trabalhar como babá para uma família rica e começar a namorar Curt, sua trajetória no mercado de trabalho mudou. Após contar para sua amiga que Curt havia conseguido uma entrevista de emprego para ela, Ifemelu escuta como resposta:

Quando ela falou da entrevista em Baltimore, Ruth disse: ‘Meu conselho? **Tire essas tranças e alise o cabelo.** Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego’.

Tia Uju havia dito algo parecido no passado e, na época, Ifemelu rira. Agora, sabia que não devia rir. ‘Obrigada’, disse (ADICHIE, p. 220, grifo meu).

Como elucidou Almeida (2018), o racismo institucional é mantido por exemplos como o da citação acima: o fato de pessoas negras precisarem se enquadrar ao padrão de beleza branco para poderem se inserir nessas instituições para que tenham condições de prover sustento ou ascender socialmente. Ifemelu demonstra ter a consciência da importância dessa regra social ao agradecer sua tia e tratar esse assunto com seriedade.

Assim, o discurso da citação acima se adéqua à legitimação, e mais especificamente na estratégia de universalização – onde o que serve ao interesse de alguns é apresentado como servindo ao interesse de todos. Dessa forma, alisar ou deixar de alisar o cabelo para conseguir ou não um emprego serve ao interesse do patriarcado-racista-capitalista discutido por Saffioti (1987) com a falsa pretensão de servir ao interesse de todos, enquanto obriga a trabalhadora à renegação de sua herança para conseguir um emprego.

O próximo trecho vem de uma cena que acontece durante a última parte do livro, quando Ifemelu se encontra trabalhando para uma revista em Lagos, sem muita realização profissional: havia tentado implantar jornalismo investigativo e foi ignorada, e começara a pensar em criar um *blog* em Lagos. Nesse cenário, ela se vê numa conversa com Esther – a secretária da revista, que é extremamente religiosa e costuma “jejuar sem parar até Deus lhe dar um marido” (ADICHIE, p. 448).

Quando estava saindo, Esther disse, num tom baixo e sincero: ‘Senhora? Acho que a senhora tem o espírito de repelir marido. **É muito severa, senhora, não vai encontrar marido.** Mas meu pastor sabe destruir esse espírito’ (ADICHIE, p. 451, grifo meu).

Saffioti (1987) nos apresenta o papel social imposto para mulher de ter um marido, ter filhos e ser responsável pelos afazeres domésticos, bem como nos apresenta o cenário de diferenciação da mulher virtuosa – a que segue seu papel social – e a mulher que não segue, cenário este que dialoga também com o modo de fragmentação.

Entretanto, o discurso acima vai para além da fragmentação do grupo social de mulheres – ao falar sobre a conexão entre religião e opressão, Davis (1972) afirma que o negro que foi socializado em uma religião cristã tinha como finalidade servir aos interesses dos senhores brancos. Dessa forma, a religião cristã é usada para legitimar o discurso em que a falta de marido de Ifemelu seria pela sua personalidade “muito severa”, que não condiz com o papel social de obediência e subserviência da mulher cristã, enquanto Esther compra para si e para as outras o cumprimento do papel social da mulher na sociedade.

Além de legitimar essa imposição por não só apontar o que, em sua visão, seria uma falha em Ifemelu; ela também oferece meios de extinguir esse desvio social, visto no fragmento acima, no qual ela afirma que é necessário destruir o “espírito de repelir marido”.

## 2.2 A DISSIMULAÇÃO DO DISCURSO

Durante uma conversa em um jantar com amigos do seu namorado da época, Blaine – o homem negro norte-americano que era professor universitário –, Ifemelu entra num debate sobre o racismo existir ou não entre casais interracialis e começa a se lembrar de episódios que vivenciou com seu antigo namorado, Curt – o homem branco e rico. Em uma das memórias, lembra-se de um episódio ocorrido num hotel, que envolvia ter sido completamente ignorada pela atendente – uma mulher branca:

[Ifemelu] quis lhe dizer o quanto se sentia negligenciada, mais ainda porque não sabia se a mulher não gostava de negros ou se gostava de Curt. Mas não disse, pois **Curt lhe diria que ela estava se ofendendo por nada, ou que estava cansada, ou ambos**. Era simples: havia momentos em que ele via e momentos em que ele não conseguia ver (ADICHIE, p. 319, grifo meu).

Dessa forma, Ifemelu reflete tanto sobre o racismo sofrido por casais interraciais quanto o racismo dentro de casais interraciais. Mesmo que seja de forma inconsciente pelo seu parceiro branco, o medo que Ifemelu descreve na parte grifada dialoga diretamente com o modo de operação dissimulação, visto que o discurso de “exagero” ou “ser facilmente ofendida” mascara a realidade do racismo e tenta apresentá-lo como algo menor do que realmente é. Ifemelu também sente o que Foucault (1996) chama de procedimento de interdição, onde ela não se sente confortável para expressar o que sente ser racismo em suas experiências enquanto casal.

O próximo trecho acontece com Shan, a irmã de Blaine, uma mulher negra cuja presença é descrita como sendo extremamente poderosa. Shan, que é escritora, encontrava-se contando para um grupo de amigos sobre seu novo livro quando começa a discutir sobre o processo de criação de sua capa:

‘Bem, queridos, é um livro de memórias, certo? É sobre um monte de coisa, sobre ter sido criada numa cidade onde só tinha gente branca, ter sido a única criança negra na minha escola, a morte da minha mãe, essas coisas todas. Meu editor leu o manuscrito e disse: “Entendo que a questão racial é importante aqui, mas **precisamos ter certeza que o livro vai transcender a raça, para não ser só sobre isso**”’ (ADICHIE, p. 363, grifo meu).

Com Saffioti (1987), foi explanado o modelo social e econômico como patriarcal-racista-capitalista; para que esse sistema continue vigente, faz-se necessário que a sociedade entenda a mulher e o negro como grupos inferiores para então explorá-los – assim, ao publicar um livro de memórias que tocam fortemente na questão racial partindo da visão de uma mulher negra, a probabilidade de que não consiga atingir grandes vendas dentro de uma sociedade estruturalmente racista é enorme.

Visando lucro, o editor desse livro tenta comercializá-lo como algo que vá para além de raça – que “transcenda”, como foi dito. Ao fazê-lo, o editor usa o eufemismo, estratégia presente na dissimulação, para mascarar a realidade do que está realmente querendo afirmar: a editora é impossibilitada de dar liberdade criativa suficiente para criação do livro e sua capa, ou não terá lucros em cima deste, por este falar sobre negritude.

Durante a narração da adolescência de Ifemelu, seu namorado Obinze era fascinado pela cultura tida como tipicamente americana: “sabia detalhes sobre presidentes daquele país de cem anos atrás” (p. 76), lia os livros clássicos da literatura estadunidense, tinha Manhattan como o ideal de vida. O trecho abaixo demonstra sua paixão pela cultura e a forma como ele achava o ideal de elogio, de beleza:

“Todos assistiam aos programas de televisão americanos, mas Obinze sabia que Lisa Bonet havia deixado o *Cosby Show* para fazer *Coração satânico*, e que Will Smith tinha dívidas imensas antes de ser contratado para fazer *Um maluco no pedaço*. ‘Você está parecendo uma negra americana’ era o **maior elogio** que ele podia fazer, era o que dizia para ela quando usava um vestido bonito ou fazia tranças grossas no cabelo” (ADICHIE, p. 76, grifo meu).

Como Almeida (2018) já explanou, é possível que um negro reproduza a ideologia racista por estar inserido na sociedade que a impõe. Obinze é um negro que, em sua adolescência, nega sua própria cultura e identidade ao buscar a inserção na cultura estadunidense composta por referências de brancos e de negros afro-americanos inseridos na cultura branca.

Dessa forma, Obinze reproduz o que Saffioti (1987) considera o mito da “mulata sensual”, ao entender que o maior elogio que pode fazer à sua namorada é compará-la com a imagem da mulher negra americana – lugar que sustentou o sistema escravista e continua sustentando relações de dominação que colocam o negro em posição de subalternidade, mas que enquanto um país imperialista discutido por Thibes e Carvalho (2013), a negra-americana seria a mulher com mais legitimação social entre os recortes de classe. Ao fazer esse elogio, Obinze reproduz o modo dissimulação por ignorar as relações de dominação existentes sob corpos de mulheres negras ‘bonitas’ e apresentá-lo pra Ifemelu como o “maior elogio”.

Por fim, a primeira parte do livro se concentra na volta de Ifemelu para a Nigéria e o que estava acontecendo tanto na vida dela quanto na de Obinze. Dito isso, logo no início do livro, Obinze está em uma das várias festas que comparece por agora ser da “elite nigeriana”, quando Kosi – sua esposa – começa um diálogo com a anfitriã sobre a educação da sua filha.

‘Você precisa colocá-la na escola francesa. Eles são muito bons, muito rigorosos. É claro que as aulas são em francês, mas não vi fazer mal nenhum para a criança **aprender outra língua civilizada**, já que aprende inglês em casa’ (ADICHIE, p. 36, grifo meu).

Em um país colonizado como a Nigéria, referir-se à língua de um país colonizador como a “língua civilizada” implica entender a língua do seu próprio país como incivilizada, selvagem. Assim, o modo de operação em vigor é a dissimulação, pois o discurso esconde a realidade das razões pelas quais o francês ou o inglês são consideradas línguas civilizadas e também todo o processo brutal de colonização passado. De certa forma, esse trecho também se entrelaça com o que Davis (2015) diz, quando escreve sobre a libertação dos corpos negros através do conhecimento – ao desejar que a criança de sua amiga aprenda outra língua ‘civilizada’, a anfitriã parece entender o conhecimento como algo que fará o indivíduo em questão estar mais favorecido socialmente, mesmo que esteja em posição de subalternidade em relação ao grupo social dominante de homens brancos.

### 2.3 A UNIFICAÇÃO DO DISCURSO

Depois do conselho dado por tia Uju e discutido no tópico 2.1, Ifemelu acaba alisando o cabelo para tentar conseguir o emprego. Quando encontra Curt, porém, a reação não foi positiva:

‘Por que você tem que fazer isso? Seu cabelo era lindo trançado. E aquela última vez, quando você tirou as tranças e deixou meio natural? Ficou ainda mais lindo, tão cheio e incrível.’

‘Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu estivesse fazendo uma entrevista para ser backing vocal numa banda de jazz, mas **preciso parecer profissional nessa entrevista**, e profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado, que seja um cabelo encaracolado de gente branco, cachos suaves ou, na pior das hipóteses, cachinhos espirais, mas nunca crespo.’ (ADICHIE, p. 222, grifo meu).

Ifemelu entende que é necessário passar pelo processo estratégico que Thompson (2011) descreve como padronização, que é a adaptação “a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica.” (p. 86). Assim, para interligar indivíduos em uma identidade coletiva, além de estabelecer e sustentar as relações de dominação, o referencial padrão dentro da sociedade patriarcal-racista-capitalista da aparência profissional é ter cabelo liso. Como Thibes e Carvalho (2013) trouxeram em seu artigo, a violência do imperialismo é ligada diretamente com a autoestima da mulher negra, que, como Ifemelu no início de sua jornada nos Estados Unidos, entende que só pode aceitar seu cabelo quando for “backing vocal de banda de jazz” – e mesmo assim, não estará na posição de liderança, sempre ao fundo.

Ao chegar à universidade estadunidense, Ifemelu se depara com Cristina Tomas – uma recepcionista descrita como tendo “olhos azuis aguados, cabelo desbotado e pele pálida” (p. 146). Ao engajar em uma conversa, Cristina decide falar pausadamente, o que Ifemelu descreve como “alguma espécie de doença” – até entender, porém, que Cristina estava falando dessa maneira por reconhecer em Ifemelu seu sotaque estrangeiro.

‘Eu falo inglês’, disse Ifemelu.  
 ‘Aposto que fala’, disse Cristina Tomas. ‘Só não sei se fala *bem*.’  
 [...] Nas semanas seguintes, conforme o frio do outono ia surgindo, [Ifemelu] começou a treinar um sotaque americano (ADICHIE, p. 147).

Da mesma forma que acontece com no trecho anterior, Ifemelu também entende que para não continuar passando por situações como essa e conseguir se inserir na sociedade estadunidense, ela precisa padronizar sua fala para parecer o máximo possível com o sotaque americano – que por si só, já configura como uma grande violência da imposição do colonizador e da subalternidade da mulher negra africana inserida na sociedade estadunidense.

No trecho a seguir, é possível notar que Ifemelu não é a única nigeriana que sente a necessidade de mudar seu sotaque para ser mais aceita: durante a época em que morava com sua tia Uju nos Estados Unidos, viu-a transformada em uma mulher completamente diferente da que era na Nigéria:

‘Dike, ponha isso lá de volta’, disse Tia Uju, com o sotaque anasalado e escorregadio que usava quando falava com americanos brancos, na presença de americanos brancos, ou onde pudesse ser ouvida por americanos brancos. Junto com o sotaque, surgia uma nova personalidade, de alguém que pedia desculpas, rebaixava-se (ADICHIE, p. 120).

Os trechos acima podem ser classificados como padronização pelo mesmo motivo: a necessidade de mulheres negras adequarem sua fala com o sotaque estadunidense para serem pertencentes à sociedade. Essa prática é elucidada por Almeida (2018, p. 56), que afirma que há a “domesticação das culturas e de corpos” – portanto, a cultura negra que Ifemelu e tia Uju compartilham é tratada como “exótica” e para serem tratadas como “iguais”, é preciso amansar essa cultura – de forma que Ifemelu treina um sotaque americano e tia Uju fala de forma “anasalada e escorregadia”.

## 2.4 A FRAGMENTAÇÃO DO DISCURSO

Em sua tentativa de conseguir se casar para continuar na Inglaterra, Obinze se viu obrigado a pedir dinheiro para Emenike – um antigo colega de sala que era preterido por ser pobre e fingir ter outras condições de vida. Na Inglaterra, porém, Emenike casou com uma mulher inglesa e rica e desfrutava de uma vida luxuosa. Assim, Obinze se viu na posição de ter que ouvir suas histórias durante um jantar.

‘Tenho saudades de Naija. Já faz tanto tempo que não visito, mas não tive oportunidade de viajar para lá ultimamente. Além do mais, Georgina **não sobreviveria a uma visita à Nigéria!**’, disse Emenike, rindo. Ele havia colocado seu país no papel da selva e a si próprio no papel de intérprete da selva (ADICHIE, p. 288, grifo meu).

Ao colocar a Nigéria da posição de outro, ao mesmo passo em que a Inglaterra seria o país ‘certo’ e ‘civilizado’ no qual as pessoas podem sobreviver normalmente, Emenike faz nesse trecho o que Almeida (2018) explicita como a ideologia racista moldando o inconsciente de negros – assim, ele mesmo se distancia das noções do que significa ser nigeriano – e Thompson chama de fragmentação, mais especificamente da estratégia de ‘expurgo do outro’, onde algo é retratado como “mau, perigoso e ameaçador” (Thompson, 2011, p. 87). Em correlação com o sentido de fragmentação, o discurso usado também pode ser visto através de Foucault (1996) como um procedimento de exclusão de rejeição, ao objetificar a Nigéria para algo irracional, “selvagem”.

O trecho a seguir foi retirado de quando Ifemelu já morava nos Estados Unidos há alguns anos e seu primo, Dike, é agora um pré-adolescente. Ao conversar sobre a sua experiência na colônia de férias que esteve, esse é seu relato:

‘Legal.’ Ele fez uma pausa. ‘A guia do meu grupo, Haley, deu filtro solar para todo mundo passar, mas não quis dar para mim. **Disse que eu não precisava.**’

Ifemelu olhou para o rosto dele, que estava quase sem expressão, impávido a ponto de parecer assustador. Não soube o que dizer. (ADICHIE, p. 200, grifo meu).

Ao isolar Dike enquanto o único que “não precisa” de filtro solar, Haley reforça a narrativa construída de que pessoas negras não necessitam do mesmo cuidado com a pele que todos os garotos brancos recebem. Dessa forma, a guia afeta tanto as relações interpessoais de Dike – seus amigos riem como se fosse engraçado ele ser “tão diferente” – quanto sua

autoestima, problemática discutida por Thibes e Carvalho (2013), por não se sentir pertencente a esse grupo de pessoas, não se sentir representado com a sua imagem dentro do seu círculo social. Assim, o discurso presente no trecho acima se trata de uma fragmentação, com a estratégia de diferenciação usada pra isolar Dike em um contexto onde ele não é pertencente a maioria.

O próximo trecho acontece durante a narração da infância de Ifemelu, e demonstra que a educação religiosa não foi deixada de lado. Dentro da igreja cristã que sua família – principalmente sua mãe – frequentava, a protagonista tinha aulas dominicais com a Irmã Ibinabo, uma mulher descrita como “poderosa” e que “nunca ria” (p. 58). Dessa relação surge a primeira inquietude de Ifemelu com a instituição religiosa, após ver a irmã tratando uma colega de aula com “desprezo que afirmava ser orientação religiosa” (p. 60).

‘Vi você usando calças justas no sábado passado’, disse irmã Ibinabo para uma menina, Christie, num sussurro exagerado, baixo o bastante para fingir ser um sussurro, mas alto o bastante para que todos ouvissem. ‘Tudo é permissível, mas nem tudo é benéfico. **Toda menina que usa calças justas deseja cair em tentação. É melhor evitar isso**’ (ADICHIE, p. 59, grifo meu).

Ao estar em uma posição de poder dentro da instituição que fornece aulas de formação para crianças e afirmar que é necessário “evitar” ser uma menina que usa calças justas para não “cair em tentação”, Irmã Ibinabo faz uso da fragmentação – isto é, ela cria em sua narrativa a diferenciação de meninas boas (ou que não desejam cair em tentação) e meninas más (que desejam cair em tentação). Essa é uma estratégia usada para a manutenção do patriarcado exposto por Saffioti (1987), visto que se alinha com o que seria o papel social da mulher na sociedade: há séculos construído culturalmente em torno da questão dos afazeres domésticos, cuidados da família, marido e filhos e o que fugir desse espectro, foge também do que é “ser mulher”.

Além disso, se relaciona diretamente com o que foi discutido por Davis (2015), segundo a qual a religião cristã é uma das maiores instituições usadas para a colonização do corpo negro, visto que foi utilizada para operar ideologicamente no subconsciente do negro, a fim de doutriná-lo e pacificá-lo.

Por fim, em decorrência do acontecido com a Irmã Ibinabo e Christie, Ifemelu fica com raiva e rebate a Irmã com argumentos sobre corruptos recebendo homenagens da igreja; com isso, ela acaba sendo duramente reprimida em casa.

Quando tia Uju chegou, a mãe de Ifemelu lhe contou o que tinha acontecido. ‘Vá dar uma bronca naquela menina. Você é a única pessoa que ela ouve. Porque o que eu lhe fiz para querer me envergonhar desse jeito na igreja? Ela insultou a irmã Ibinabo! É como insultar o pastor! Por que essa menina tem de dar tanto trabalho? Sempre digo que, **se era para se comportar assim, melhor se tivesse nascido menino**’ (ADICHIE, p. 61, grifo meu).

Ao “dar trabalho”, Ifemelu estaria se comportando de forma inadequada para meninas, mas socialmente aceitável para meninos. Assim, sua mãe também usa a fragmentação e a diferenciação para tentar educar sua filha dentro dos moldes da sociedade patriarcal-racista-capitalista discutida acima. Ao fazê-lo, a mãe de Ifemelu estaria enfatizando as distinções entre ela e outras meninas de forma que não seja possível que a relação de poder existente seja questionada e destituída.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber o discurso enquanto instrumento de dominação é também compreender as nuances que permeiam as relações sociais por um modelo racialmente excludente. Falar sobre mulher, raça e classe, especialmente neste momento crucial, é somar à voz daqueles que lutam cotidianamente para movimentar as correntes e romper os grillhões dessa sociedade patriarcal-racista-capitalista, que insiste em métodos de dominação sob os corpos e identidades negras.

Assim, torna-se de suma importância analisar obras como *Americanah*, que trazem esses temas como elementos centrais. Dito isso, os trechos escolhidos demonstraram de forma clara o viés ideológico do grupo social dominante através do discurso empregado.

Dessa maneira, o objetivo do trabalho, que consistiu em categorizar o discurso a partir dos modos que a ideologia opera, para que se torne cada vez mais fácil a identificação destes meios, e então, criar maneiras de combatê-lo, foi atingido; junto com os objetivos específicos de identificar os aspectos da obra que se relacionam com as teorias de Saffioti (1987) no que tange o modelo social e a vivência da mulher negra, Almeida (2018), Davis (2015, 2016), Thibes e Carvalho (2013) para entender que de formas o racismo estrutural opera fora da obra e dentro dela, além de formas de combate desse racismo, além de Foucault (1996) e

Thompson (2011) para entender como o discurso é usado para manipulação ideológica e como método de análise. Por fim, causar a reflexão sobre as diferentes formas pelas quais as relações de dominação se apresentam no discurso e como isso reflete na vida do indivíduo subalternizado.

Em meio à análise dos dados, foi possível notar a presença maior dos modos de operação *fragmentação* e *dissimulação*. Saffioti (1987) afirma que a ênfase em diferenciar mulheres dificulta a união entre esse grupo social em questão – e isso foi possível notar com mais força nos trechos que se encaixaram na fragmentação, modo usado com frequência pelos indivíduos que representavam a instituição – Irmã Ibinabo, por exemplo, discursa enquanto instituição religiosa e assim, é legitimada em sua fala. Com o elucidado por Thibes e Carvalho (2013), o dito por Saffioti (1987) também é possível se aplicar com a negritude: Emenike incorpora isso muito bem, sendo este um negro que ascendeu socialmente por meio do casamento com alguém do grupo social dominante; assim, para se manter em uma posição de subalternidade menor, o personagem fazia questão de se diferenciar do que consideram ser inferior, mesmo que também esteja inserido nesse grupo social.

No ponto *dissimulação*, foi possível entender de que formas o discurso da ideologia dominante opera para que o próprio grupo dominado de mulheres, negros e negras assimile para si – a ideologia apresenta-se de forma sutil, tratando a cultura branca como superior sem apresentá-lo como tal de fato, de forma que se alinha também com o que Foucault (1996) diz sobre interdição: nem tudo pode ser dito em todos os contextos. Os pontos acima dialogam com a *unificação*, onde foi possível perceber a constante tentativa do grupo tido como ‘inferior’ como um mecanismo de inserção na sociedade da qual não há aceitação ou representação de seus corpos e identidade negros.

A alternativa para o discurso de unificação, onde esse grupo social toma as rédeas de sua própria vivência, é apresentada por Davis (2015, 2016) e representada em *Americanah*: por meio uma educação libertadora, que faça o indivíduo criar consciência de si e, com essa consciência, também trabalhe ativamente para libertação do grupo social inferiorizado – assim Ifemelu o faz: quando entende que o racismo é uma problemática social, trabalha em seu *blog* para libertar as amarras sociais de negros e negras.

É importante ressaltar que mesmo com todos os esforços para tornar Ifemelu uma mulher que seguisse os valores da ideologia que parte do grupo social dominante, no decorrer do livro, a personagem cria um grande senso de consciência de si através da educação que teve oportunidade de adquirir – ao se impor a figura que representava o cristianismo, ao criar

consciência de que a religião estava servindo como uma forma de impor a ideologia da classe dominante, ao questionar a estrutura vigente.

Da mesma maneira que os grupos sociais marginalizados nas questões de gênero, raça e classe, os estudos sobre a temática também tendem, agora mais do que nunca, à marginalização. Porém, Angela Davis nos traz que a liberdade é uma luta constante; para a efetivação dessa luta, torna-se necessário continuar a discussão nas problemáticas abordadas durante o trabalho, com práticas efetivas para seu combate, de forma que dados como “70% da juventude morta no Brasil”, trazidos na introdução, não se tornem cada vez maiores, frequentes e ignorados. É dever nosso apoderar-nos do discurso, entendê-lo e utilizá-lo ao nosso favor, a fim de construir uma sociedade realmente livre e igualitária.

**“BETTER IF SHE WAS A BOY”: DISCOURSE AS A DOMINATION TOOL IN  
AMERICANAH, BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

**ABSTRACT**

This work aims to categorize discourse in different ways of ideology operation through the analysis of the book *Americanah*, written by Chimamanda Ngozi Adichie, in order to understand how discourse is used as an instrument of domination inside the patriarchal-racist-capitalist society represented in the corpus. For that, we selected thirteen excerpts considered relevant to the work and divided in i) legitimation of discourse, ii) dissimulation of discourse, iii) unification of discourse, and iv) fragmentation of discourse – categories explicit by Thompson (2011) in *Ideology and Modern Culture*, work used as methodology for the analysis. Besides, the theoretical basis used to analyze the material were: Saffioti (1987), about the means of understanding the social model we in which we are inserted, Almeida (2018), Davis (2016), Thibes and Carvalho (2013) with definitions of structural racism and how domination operates in the scope of black women; as well as Foucault (1996) with the correlation of discourse and ideological domination. After the data analysis, it was possible to notice the most frequent use of dissimulation and fragmentation, which demonstrates the ways of ideology operation act to ensure the subaltern social groups – that is, women, black men and black women, are in constant disunity at the same time they are inserted in the ideological discourse of the dominant social group.

**Key-words:** Race. Gender. Relations of Dominance. Discourse. *Americanah*.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **Americanah**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ALMEIDA, Silvío. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

\_\_\_\_\_. **Palestras sobre Libertação**. Disponível em: <<https://kilombagem.net.br/educacao/biblioteca/palestras-sobre-libertacao-lectures-on-liberation/>>. Acessado em 27/10/2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GLOBO. **Globeleza**. Disponível em: <<http://especial.g1.globo.com/fantastico/globeleza/>>. Acessado em 19/11/2018.

ONU. **Brasil na ONU**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conheca/brasil-na-onu/>> Acesso em: 02/09/2018.

PONTUAL, Jorge. **Em certo sentido, não se permite que as mulheres sejam si mesmas por inteiro**. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2018-jan-05/milenio-chimamanda-ngozi-adichie-escritora-nigeriana>>. Acessado em: 02/11/2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SENTENCING PROJECT. **Black Disparities in Youth Incarceration**. Disponível em: <<https://www.sentencingproject.org/publications/black-disparities-youth-incarceration/>>. Acessado em: 12/08/2018.

THIBES, L; CARVALHO, I. **A mulher negra em Americanah: níveis de subalternidade nos EUA do século XXI**. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/860>>. Acessado em: 12/11/2018.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TUNCA, Daria. **Biography**. Disponível em: <<http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>>. Acessado em 10/08/2018.